



LISBON  
SCHOOL OF  
ECONOMICS &  
MANAGEMENT  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

MESTRADO

CONTABILIDADE, FISCALIDADE E FINANÇAS

EMPRESARIAIS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

O EFEITO DO SEXO DOS AUDITORES NA DETERMINAÇÃO DAS  
MATÉRIAS RELEVANTES EM AUDITORIA

SOFIA MARÇAL LAGEM ABRANTES

OUTUBRO-2020

MESTRADO

CONTABILIDADE, FISCALIDADE E FINANÇAS

EMPRESARIAIS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

O EFEITO DO SEXO DOS AUDITORES NA DETERMINAÇÃO DAS  
MATÉRIAS RELEVANTES EM AUDITORIA

SOFIA MARÇAL LAGEM ABRANTES

ORIENTAÇÃO:

PROF. DOUTOR ANTÓNIO CARLOS DE OLIVEIRA SAMAGAIO

OUTUBRO-2020

## Resumo

Com globalização e a crise financeira de 2008 surge a necessidade de ajustar os relatórios de auditoria de forma a torná-los menos padronizados e mais transparentes (PCAOB, 2013; Köhler, Ratzinger-Sakel & Theis, 2016). Deste modo, IAASB emitiu a *International Standard on Auditing (ISA) 701 – Key Audit Matters* e o *Public Company Accounting Oversight Board (PCAOB)* e reviu, em 2017, a *Auditing Standard (AS) 3101 - The Auditor's Report on an Audit of Financial Statements When the Auditor Expresses an Unqualified Opinion*. Em ambas as normas, o relatório de auditoria passa a conter uma secção sobre os assuntos que exigiram uma atenção especial por parte do auditor, sendo denominados por *key audit matters (KAM)* na ISA 701 e *critical audit matters* na AS 3101.

Assim sendo, nesta investigação procurou-se analisar a relação entre o sexo do auditor e o número de KAM relatadas. Para esse efeito, o estudo incidiu sobre uma amostra de 69 seguradoras (31 cotadas em bolsa pertencentes à U.E. e 38 com empresa mãe ou sucursal em Portugal) observados no período de 2017 e 2018.

Os resultados obtidos evidenciam que o sexo do auditor não tem influência no relato das KAMs. Embora a literatura evidencie que o sexo dos auditores tem influência na qualidade da auditoria, este estudo mostra que em ambientes sujeitos a grande regulamentação, como é o caso das seguradoras, as diferenças entre sexos acabam por ser anuladas, não influenciando o relato em auditoria.

**Palavras-Chaves: Sexo; matérias relevantes em auditoria; empresas seguradoras**

## Abstract

With globalization and the financial crisis of 2008 arises the need to adjust audit reports in order to make them less standardized and more transparent (PCAOB, 2013; Köhler, Ratzinger-Sakel & Theis, 2016). In this way, IAASB issued the International Standard on Auditing (ISA) 701 – Key Audit Matters and the Public Company Accounting Oversight Board (PCAOB) and reviewed, in 2017, Auditing Standard (AS) 3101 - The Auditor's Report on an Audit of Financial Statements When the Auditor Expresses an Unqualified Opinion. In both standards, the audit report now contains a section on matters that required special attention from the auditor, being called key audit matters (KAM) at ISA 701 and critical audit matters in AS 3101.

Therefore, in this investigation we tried to analyze the relationship between the sex of the auditor and the number of KAM reported. To this purpose, the study focused on a sample of 69 insurers (31 listed on the stock exchange belonging to the E.U. and 38 with a parent company or branch in Portugal) observed in the period 2017 and 2018.

The results obtained show that the sex of the auditor has no influence on the reporting of the KAMs. Although the literature shows that the sex of auditors has an influence on the quality of the audit, this study shows that in environments subject to great regulation, such as insurance companies, the differences between genders end up being annulled, not influencing the audit report.

**Keywords: Sex; Key Audit Matters; Insurance companies**

## Agradecimentos

A elaboração do Trabalho Final de Mestrado foi um passo muito importante para encerrar este capítulo da minha vida académica.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador, o Prof. Doutor António Carlos de Oliveira Samagaio, pela ajuda e apoio durante a realização deste trabalho.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à minha família, pois sem a sua ajuda esta aventura não teria sido possível.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer ao meu namorado pela paciência e pelo apoio incondicional e às minhas amigas que nunca me deixaram desanimar em alturas de maiores obstáculos.

# Índice

Resumo .....	i
Abstract.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Índice .....	iv
Índice de Anexos .....	vi
Índice de tabelas .....	vii
Lista de Abreviaturas .....	viii
1. Introdução.....	1
2. Revisão de Literatura.....	4
2.1. <i>Matérias Relevantes em Auditoria e seus Determinantes</i> .....	4
2.2. <i>O efeito do sexo nas ações da gestão</i> .....	6
2.3. <i>Desenvolvimento da hipótese de investigação</i> .....	8
3. Metodologia de investigação .....	9
3.1. <i>Amostra e dados</i> .....	9
3.2. <i>Equação das KAM</i> .....	10
3.2.1 <i>Mensuração das variáveis:</i> .....	10
4. Resultados empíricos .....	13
4.1. <i>Estatística descritiva</i> .....	13
4.2. <i>Matriz de correlação</i> .....	14
4.3. <i>Análise de resultados</i> .....	15
4.4. <i>Análise de robustez</i> .....	18

4.5. Discussão de resultado.....	18
5. Conclusão .....	20
Referências Bibliográficas.....	22
Anexos.....	29

## Índice de Anexos

ANEXO I: TESTE DE HAUSMAN .....	29
ANEXO II: ESTATÍSTICA DESCRITIVA .....	29
ANEXO III: MATRIZ DE CORRELAÇÃO DE PEARSON, $\alpha = 1\%$ .....	30
ANEXO IV: MATRIZ DE CORRELAÇÃO DE SPEARMAN, $\alpha = 1\%$ .....	30
ANEXO V: VARIANCE INFLATION FACTORES.....	30
ANEXO VI: TESTE DE ROBUSTEZ À HETEROCEDASTICIDADE.....	31
ANEXO VII: RESULTADOS DO MODELO DE REGRESSÃO .....	31
ANEXO VIII: CENTRALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS .....	32
ANEXO IX: RESULTADOS DO MODELO DE REGRESSÃO COM A VARIÁVEL COUNTRY .....	32



## Índice de tabelas

TABELA 1: COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA.....	10
TABELA 2: RELAÇÃO ESPERADA ENTRE AS VARIÁVEIS.....	12
TABELA 3: ESTATÍSTICA DESCRITIVA.....	14
TABELA 4: MATRIZ DE CORRELAÇÃO DE PEARSON .....	15
TABELA 5: VARIANCE INFLATION FACTORS .....	15
TABELA 6: RESULTADOS DO MODELO DE REGRESSÃO .....	16

## Lista de Abreviaturas

IAASB - *International Auditing and Assurance Standards Board*

DFs- *Demonstrações Financeiras*

KAM - *Key Audit Matters*

PCAOB - *Public Company Accounting Oversight Board*

CAM- *Critical Audit Matters*

PM – *Profit Margin*

SR – *Solvency Ratio*

## 1. Introdução

Ao longo dos anos a profissão de auditoria tem vindo a sofrer diversas alterações como a perceção da responsabilidade assumida pelos auditores e o seu papel na deteção de fraudes e erros (Cordoş & Fülöp, 2015).

Uma auditoria visa aumentar o grau de confiança dos utilizadores nas demonstrações financeiras através da redução do risco de informação, que é conseguida através da opinião expressa pelo auditor sobre se as demonstrações financeiras foram preparadas, em todos os aspetos materiais, de acordo com um referencial de relato financeiro aplicável.

Contudo, a globalização e a crise financeira de 2008, onde empresas de grande dimensão faliram, vieram mostrar que informação é poder (Foucault, 2010), fazendo com que se questionasse o papel dos auditores (Bédard, Gonthier-Besacier & Schatt, 2014).

Desta forma, e devido às críticas da existência de um relatório padronizado o *International Auditing and Assurance Standards Board* (IAASB), sentiu a necessidade de ajustar a informação dos relatórios, isto é, torná-los menos padronizados e mais uteis para a tomada de decisão (PCAOB, 2013; Köhler, Ratzinger-Sakel & Theis, 2016). É neste contexto que, em 2015, o IAASB emitiu a *International Standard on Auditing* (ISA) 701 – *Key Audit Matters* e o *Public Company Accounting Oversight Board* (PCAOB) e reviu, em 2017, a *Auditing Standard* (AS) 3101 - *The Auditor's Report on an Audit of Financial Statements When the Auditor Expresses an Unqualified Opinion*. Em ambas as normas, o relatório de auditoria passa a conter uma secção sobre os assuntos que exigiram uma atenção especial, sendo denominados por *key audit matters* (KAM) na ISA 701 e *critical audit matters* (CAM) na AS 3101. Assim sendo, o relatório passa a incluir um parágrafo que visa reduzir lacunas na informação e identificar quais as matérias que careceram maior atenção por parte do auditor (IAASB, 2011).

Nos últimos anos, a literatura revela vários estudos que analisam o efeito da introdução das KAM e CAM nas decisões dos *stakeholders* (Köhler et al., 2016; Christensen, Glover & Wolfe, 2014)), bem como, uma perceção sobre a melhoria da qualidade do relatório de auditoria (Tiron-Tudor, Cordoş & Fülöp, 2018; Klueber, Gold & Pott, 2018; Reid, Carcello, Li & Neal, 2018).

Contudo, embora menos abrangente, também se encontra alguma literatura sobre os fatores que podem influenciar o número de KAM e CAM relatadas. A IAASB (2015) admite que a dimensão e a complexidade da entidade, a natureza dos negócios e do ambiente e os factos e circunstâncias do trabalho são fatores que podem influenciar o número de KAM relatadas. Estudos empíricos revelam que a complexidade do relato (Pinto & Morais, 2018), os honorários e a cultura (Pinto & Morais, 2018; Fidalgo, 2019; Ferreira & Morais, 2019) e as características do auditor e do cliente (Sierra-García, Gambetta, García-Benau & Orta-Pérez, 2019) como outros fatores que influenciam o número de KAM divulgadas no relatório de auditoria. Todavia, estes trabalhos não analisam o efeito do sexo do auditor na divulgação das matérias relevantes.

No entanto, já existem estudos que relacionam a qualidade em auditoria com o sexo do auditor, sendo que, quando a auditoria é realizada por uma mulher, a qualidade aumenta. Niskanen, Karjalainen, Niskanen & Karjalainen (2019) argumenta com o facto de as mulheres serem mais descritivas no seu relatório. O'Donnell & Johnson (2001) tal como AL-Dhamari & Chandren (2017) relacionam o aumento da qualidade com a diferença existente nas preocupações éticas e moral entre homens e mulheres, que fazem com que as mulheres se envolvam menos em comportamentos de redução de qualidade. Por fim, Reheul, Caneghem, Bogaerd & Verbruggen (2017), utiliza a forma como as mulheres processam a informação (analisam mais informação que o homem, incorporando por isso mais potenciais riscos) como causa do aumento da qualidade em auditoria.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar se existe uma associação entre o sexo dos auditores e as KAM relatadas nos relatórios de auditoria. Desta forma, o trabalho procura

adicionar conhecimento a um campo de estudo recente, que incide sobre os determinantes do relato das KAM. Por outro lado, este trabalho contribui para a literatura da influência das características do auditor, nomeadamente, o sexo, na qualidade de auditoria. Este dado tem implicações práticas, pois as firmas de auditoria têm que constantemente tomar decisões sobre o recrutamento e formação das suas equipas de trabalho.

Relativamente à amostra em questão, apesar de se observar que quando o auditor é do sexo masculino o número de KAM relatados diminui, a variável *gender* não é estatisticamente significativa. Por isso, não se encontrou evidência que o sexo do auditor tenha influência no número de KAM relatadas neste contexto.

Por fim, este estudo está dividido em cinco seções. Na seção seguinte encontra-se a revisão de literatura, onde se descreve o conceito de KAM, sexo e ainda a hipótese que se pretende estudar. Na terceira seção é descrito a amostra e apresentado o modelo empírico com as respetivas variáveis. Na quarta seção procede-se a uma análise explicativa dos resultados obtidos. Por fim, na quinta seção menciona-se as conclusões retiradas, limitações e pistas de investigação futura.

## 2. Revisão de Literatura

### 2.1. *Matérias Relevantes em Auditoria e seus Determinantes*

As KAM são “as matérias que, no acórdão profissional do auditor, foram de maior importância na auditoria das demonstrações financeiras do período em curso. São selecionados assuntos-chave de auditoria a partir de assuntos comunicados com os responsáveis pela governação.” (IAASB, 2016, parágrafo 8). Deste modo, o auditor passa a mencionar num parágrafo final, todos os assuntos relacionados com as DFs que englobem maior risco de distorção identificado pelo auditor ou um maior julgamento (IAASB, 2016, parágrafo 9).

Após o surgimento das KAM e CAM, a literatura revela alguns trabalhos sobre os fatores que poderão explicar a inserção das matérias relevantes nos relatórios de auditoria.

Ismail, Atqa & Hassan (2018) apresentam pontos positivos na divulgação das KAM como o de tornarem a pesquisa e aquisição de informações mais eficientes. Por outro lado, dizem ainda que, os investidores presentemente dedicam mais tempo da sua atenção aos assuntos relacionados com KAM e menos às restantes partes do relatório. Sirois, Bédard & Bera (2017) relatam a preocupação da IAASB que consiste na possibilidade dos *stakeholders* substituírem indevidamente a leitura das DFs pelas KAM. Pois, a IAASB constata que os *stakeholders* absorvem a informação mais rapidamente e de forma mais eficaz ao ler as KAM.

Ismail et al. (2018) ao fazerem uma experiência com investidores não profissionais, concluem que se determinado assunto fosse destacado nas KAM, existia maior probabilidade de os investidores alterarem as suas decisões de investimentos em comparação com se apenas recebessem o relatório de auditoria antigo, isto é, sem o parágrafo das KAM. Christensen et al. (2014) acrescentam que as decisões dos investidores também sofrem uma maior alteração quando determinado assunto é mencionado nas KAM do que quando é divulgado em notas de rodapé.

Por fim, Köhler et al. (2016) revelam que KAM positivos têm efeitos negativos na decisão de investimentos dos investidores e que os KAM negativos têm efeitos positivos na decisão de investimento dos investidores. Os mesmos associam KAM positivos a um apaziguamento da situação e KAM negativos a uma chamada de atenção para questões que eles não tinham conhecimentos antes, avaliando assim, a situação econômica da empresa como significativamente melhor.

Uma vez que o número de KAM a incluir no relatório de auditoria depende do julgamento do auditor, é relevante determinar que fatores influenciam o comportamento do auditor (Pinto & Morais, 2018).

Nesse âmbito, Gonthier-Besacier & Schatt (2014) levantaram problemáticas como a possibilidade de as KAM poderem-se tornar padronizadas, dos auditores relatarem um mínimo de KAM, ou pelo contrário, relatarem listas extensas. Klueber et al. (2018) dizem que existe um receio que os auditores usem linguagem “*clichê*” nas KAM, e que, ao se verificar esse receio, as KAM deixem de cumprir a sua função e passem a tornam-se menos relevantes no relatório. Já Pinto & Morais (2018) concluem que o número de KAM relatadas está diretamente ligado com a complexidade da auditoria (empresas com diversos segmentos de negócio) e que, setores muito regulamentados irão apresentar um número de KAM relatadas reduzido. Além disso, mencionam no seu estudo que encontram provas de que a cultura também é um fator que pode influenciar o número de KAM relatados.

Fidalgo (2019) vem corroborar mostrando evidências de que, apesar de uma auditora pertencer à mesma rede e ter os mesmos procedimentos de avaliação e risco, continua a existir diferenças no número de KAM relatadas, mostrando assim que, o julgamento de um auditor é influenciado pela cultura do país da origem do mesmo.

Tal como Pinto & Morais (2018), Fidalgo (2019) e Ferreira & Morais (2019) concluem que, empresas de maior dimensão (com um maior número de segmentos de negócio) apresentam um maior número de KAM divulgados.

Fidalgo (2019) e Ferreira & Morais (2019) mencionam que, uma opinião modificada no relatório de auditoria está relacionada com um menor número de KAM relatadas. Além disso, encontram evidências nos seus estudos que os honorários dos auditores têm uma influência positiva no número de KAM divulgados.

Por fim, segundo o IAASB, parágrafo A30, o número de KAM divulgado varia consoante o tamanho e a complexidade da empresa, a natureza do negócio, do ambiente e das circunstâncias do trabalho de auditoria.

## *2.2. O efeito do sexo nas ações da gestão*

Ao longo dos anos tem-se vindo a observar um acréscimo das mulheres no mercado de trabalho (Collins, 1993; Hayes & Hollman, 1996; Iyer, Raghunandan & Rama, 2005; Khalifa, 2013) e por isso, torna-se interessante estudar quais as consequências da sua inclusão. Diversos são os estudos que abordam as diferenças de sexo nas organizações.

Reis & Torcato (2010) mencionam que as mulheres tendem a ser mais avessas ao risco e a optar por uma visão de longo prazo. Castells (1999) completa referindo que as mulheres possuem mais habilidades de relacionamento, isto é, de gestão de pessoas, que são tão necessárias numa economia informal.

Carreira, Ajamil & Moreira (2001) e Cohen (2003) acrescentam características como a maior flexibilidade e sensibilidade por parte das mulheres, como pontos positivos para uma gestão de maior qualidade.

Por fim, a perseverança e uso da intuição na análise e solução de problemas também tem sido mencionado por inúmeros autores (Leite, 1994; Gomes, 1997; Betiol, 2000; Munhoz, 2000).

Contudo, este estudo foca-se na aversão ao risco como potencial fator que influencia o número de KAM relatados no relatório de auditoria.



Frequentemente, a literatura afirma que as mulheres são avessas ao risco em comparação com os homens (Karakowsky & Elangovan, 2001; Kelley, Brush, Greene & Litovsky, 2011; Sexton & Bowman-Upton, 1990; Weber, Blais & Betz, 2002; Zinkhan & Karande, 1991). Estudos antigos, justificam essa aversão com base na teoria do papel social que diz "que as diferenças de sexo no comportamento social provêm de expectativas ou estereótipos comuns sobre o que é comportamento apropriado para homens e para mulheres" (Karakowsky & Elangovan, 2001, p.97).

Langowitz & Minniti (2007) justifica a maior aversão da mulher ao risco através do seu papel tradicional em que era a mulher que assumia a responsabilidade da família, e que por isso, "colocar os recursos da família em perigo, especialmente numa situação de necessidade, pode aumentar a sua percepção de risco". Por sua vez, Gustafson (1998) diz que existe diferenças de sexo na exposição ao risco, na percepção de risco e na manipulação de risco. Além disso, acrescenta que homens e mulheres têm percepções diferentes do mesmo risco, de diferente risco e do significado do mesmo risco. Niskanen, Karjalainen, Niskanen & Karjalainen (2019) relacionam a aversão ao risco com a confiança, em que a mulher é menos propensa a incorrer em riscos porque também é menos confiante. Hardies, Breesch & Branson (2014) e AL-Dhamari & Chandren (2017) acrescentam que o facto de as mulheres serem mais preocupadas com o lado ético e menos com o lado comercial faz com que se envolvam menos em comportamentos de risco.

Gold, Hunton & Goma (2009) justificam essa aversão com base nas diferenças existentes no processamento de informação entre sexos. Dizem que as mulheres tomam decisões com base em muita informação e informação detalhada, enquanto que, os homens, tomam decisões apenas com informações que pensam ser relevantes. Por isso, as mulheres ganham uma maior percepção de um maior número de riscos, o que as torna mais avessas ao risco globalmente. Por fim, Reheul et al. (2017) referem que, por as mulheres analisarem toda a informação disponível e outras informações secundárias incorporam mais riscos, tornando-se por isso mais eficientes nos julgamentos e mais propensas a descobrir potenciais distorções. Acrescentam ainda que as mulheres são conservadoras e

com uma maior sensibilidade moral que os homens, o que faz com que, se envolvam menos em comportamentos de redução de qualidade (falta de independência). Além disso, são mais preocupadas com a conformidade das DFs com as normas e padrões éticos. Contudo, assume que, num grupo de auditores devido à autosseleção e socialização, essas diferenças de sexo possam ser reduzidas.

### *2.3. Desenvolvimento da hipótese de investigação*

A execução de uma auditoria requer em vários momentos a aplicação do ceticismo profissional e julgamentos profissionais e estes dois requisitos são influenciados pela capacidade de processar a informação e da aversão ao risco.

Gold, Hunton & Goma (2009) estudam as diferenças existentes no processamento de informação entre sexos e concluem que as mulheres tomam decisões com base em muita informação e em informação mais detalhada que os homens, que tomam decisões apenas com informações que pensam ser relevantes, o que torna o processamento mais rápido e fácil. Esta diferença justifica a divergência existente em relação à aversão ao risco, pois ao utilizar mais informação no processamento de informação a mulher ganha uma maior percepção de riscos que o homem não vê.

O'Donnell & Johnson (2001), acrescenta dizendo que as mulheres processam a informação de forma subjetiva e avaliativa, armazenando-a num maior número de categorias diferenciadas e os homens de forma objetiva e literal.

Por isso, existem diferenças nos julgamentos que são justificadas pelo sexo (Koller, 1990) onde as mulheres são mais eficientes nos julgamentos e descobrem mais potenciais distorções que os homens (Reheul et al., 2017)

Atendendo que as KAM assentam no risco de distorção significativo que é algo que resulta de percepção e avaliação, então existe bases para a definição da hipótese.

H0: As auditoras reportam um maior número de KAM que os auditores

### 3. Metodologia de investigação

#### *3.1. Amostra e dados*

A amostra é composta por 69 empresas seguradoras, sendo que 31 são cotadas em bolsa pertencentes à União Europeia (U.E.) (Alemanha, Áustria, Bélgica, Croácia, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Itália, Malta, Países baixos e Polónia) e 38 cuja empresa mãe ou sucursal estão sediadas em Portugal.

Inicialmente a amostra era composta pelas 10 maiores seguradoras de cada país com moeda euro (Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos e Portugal), o que totalizava 170 seguradoras. No entanto, devido à inexistência de relatórios de contas em língua inglesa, houve a necessidade de ajustar a amostra. Deste modo, passou a compreender apenas seguradoras com empresa mãe ou sucursais em Portugal e Espanha, totalizando 169 seguradoras. Para este contexto consultou-se o site da Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos (AFF), para Portugal, e o da Dirección General de Seguros e Fondos de Pensiones, para Espanha. Nos respetivos sites aplicou-se um filtro, de forma a obter apenas empresas de seguros nacionais a operar em Portugal e Espanha e empresas de seguros estrangeiras que operem em Portugal e Espanha através de uma sucursal. Contudo, os relatórios de auditoria disponibilizados pelas seguradoras espanholas não discriminam o número de matérias relevantes relatadas (variável dependente) e, por isso, houve a necessidade de ajustar novamente a amostra.

Por isso, eliminou-se as seguradoras espanholas e juntou-se às Portuguesas as seguradoras cotadas em bolsa pertencentes à UE, totalizando assim, 92 empresas.

Da amostra final, foram retiradas as empresas das quais não foi possível encontrar o relatório de contas e/ou o relatório de auditoria, chegando assim às 69 seguradoras que a compõe (Tabela 1).

Tabela 1: Composição da amostra

País	Nº de Observações	Percentagem (%)
Portugal	31	45%
União Europeia	38	55%
Total	69	100%

Os dados relativos às variáveis de controlo foram disponibilizados pela base de dados Orbis. Através de relatórios de contas, procedeu-se à recolha dos dados da variável dependente (KAM), independente (sexo do auditor) e de controlo que se encontravam em falta. A amostra compreende os períodos de 2017 e 2018.

### 3.2. Equação das KAM

$$KAM = \beta_0 + \beta_1 Gend_{it} + \beta_2 PM_{it} + \beta_3 SR_{it} + \beta_4 LnAsset_{it} + \beta_5 Big4_{it} + \beta_6 LnFee_{it} + \varepsilon_{it}$$

O modelo apresentado é composto por dados painel, sendo que  $i$  representa o número de empresas ( $i=1$  a  $69$ ) e  $t$  os anos observados ( $t = 2017$  e  $2018$ ). Para além da variável objeto deste estudo – Gender-, o modelo contempla cinco variáveis de controlo identificadas na literatura (Morais, 2018; Reid, Carcello, Li & Neal, 2018; Velte, 2018; Fidalgo, 2019; Ferreira & Morais, 2019).

Todas as variáveis utilizadas são quantitativas, no entanto, às variáveis *Asset* e *Fee*, foi necessário aplicar logaritmo, por estas terem como unidade o euro (€). O intuito é normalizar os valores e controlar a heterocedasticidade (Blanc, Islam, Patten & Branco, 2017; Nguyen & Van Dijk, 2012; Goedhuys, Mohnen & Taha, 2016).

#### 3.2.1 Mensuração das variáveis:

A variável dependente, KAM, corresponde ao número de matérias relevantes mencionadas nos relatórios de auditoria, durante os anos de 2017 e 2018, das 69 seguradoras. A recolha desses dados foi feita através da contagem do número de KAM de relatório de auditoria em relatório de auditoria.

Passando agora para a variável independente, *gender*, é uma variável binária que assume o valor de 1, se o auditor for do sexo masculino e 0, se do sexo feminino. Nesta variável, assumiu-se como responsável da auditoria, o auditor principal que assinou o respetivo relatório. Como já foi referido anteriormente, frequentemente, a literatura afirma que as mulheres são avessas ao risco em comparação com os homens (Karakowsky & Elangovan, 2001; Kelley, Brush, Greene & Litovsky, 2011; Sexton & Bowman-Upton, 1990; Weber, Blais & Betz, 2002; Zinkhan & Karande, 1991), por isso, e sendo a mulher representada por  $\beta=0$ , é esperado que exista uma relação negativa entre a variável *gender* e KAM.

Além disso, fazem parte das variáveis de controlo rácios como o *Profit Margin* (PM),  $(\frac{\text{Resultado antes de imposto}}{\text{Vendas}})$ , indicador da margem de lucro que cada seguradora é capaz de gerar e o *solvency ratio* (SR),  $(\frac{\text{Capital Proprio}}{\text{Passivo}})$ , indicador da capacidade que cada seguradora tem para cumprir as suas obrigações. Esta escolha foi suportada por Dopuch, Holthausen & Leftwich (1987) que mencionam as características das empresas auditadas como variável fundamental da determinação das KAM.

Segundo Zanchun, Chun & Jianming (2010) e Habib (2013) é esperado que exista uma associação negativa entre a rentabilidade das empresas e o número de KAM divulgadas, por esta ter subjacente a viabilidade futura. Já em relação ao endividamento, espera-se uma associação positiva, por esta estar associada a um maior risco, fazendo com que, o auditor reforce os seus processos de auditoria (Ireland, 2003; Ye et al., 2011). No entanto, e visto que a variável corresponde à capacidade da empresa fazer face ao seu endividamento, é esperado uma associação negativa.

Finalmente, o ativo, corresponde ao valor total do ativo (*LnAssets*), em milhares de euros, de cada empresa, caracterizando deste modo a dimensão da seguradora (Velte, 2018). Visto que a dimensão de uma empresa está relacionada a uma maior complexidade, é esperado um maior esforço por parte dos auditores e conseqüentemente um maior número de KAM relatados (Pinto & Morais, 2018).

DeAngelo (1981), Francis & Yu (2009) e Hope et al. (2008), defendem que características do auditor são variáveis igualmente importantes na compreensão do número de KAM divulgadas. Por isso, e de modo a complementar o modelo, criou-se a variável *Big4*. Variável binária que assume o valor de 1, se a empresa que audita for uma *Big4* e o valor de 0, caso contrário. Como é esperado que uma *Big4* tenha mais mecanismo e seja mais exigente nas suas auditorias, espera-se que a mesma esteja associada a um maior número de KAM relatado (Francis & Yu, 2009; Krishnan, 2003).

Por fim, os honorários (*LnFee*) correspondem à remuneração auferida pelo auditor pelo serviço prestado, e, segundo Pinto & Morais (2018) espera-se uma afetação negativa relativamente ao número de KAMs divulgados. A Tabela 2 apresenta a relação esperada entre a variável dependente e as variáveis independentes

Tabela 2: Relação esperada entre as Variáveis

Variável	Descrição da Variável	Sinal Esperado
<i>Gender</i>	Se o auditor é homem ou mulher	-
PM	Racio <i>Profit Margin</i> (em %)	-
SR	Racio <i>solvency ratio</i> (em %)	-
<i>LnAssets</i>	Total Ativo	+
<i>Big4</i>	Se a auditora é uma <i>Big4</i> ou não	+
<i>LnFee</i>	Honorários do auditor	-

## 4. Resultados empíricos

### 4.1. Estatística descritiva

Os resultados apresentados nesta secção foram obtidos através do software estatístico Stata. Após a inserção da base de dados, foi necessário, como primeiro passo, converter as percentagens (%) dos rácios (PM e SR) em número, por este não as reconhecer com tal. Em seguida, e por se tratar de uma regressão num contexto de dados painel, foi necessário criar a variável *year*, que representa os anos em observação (2017 e 2018). Por fim, usando o menu *statistics* declarou-se o conjunto de dados como dados de painel, mencionando a unidade de tempo (*year*) e o formato de exibição para a variável de tempo (anos).

Após a preparação da base de dados, o primeiro teste a ser realizado foi o de Hausman, com o objetivo de perceber qual o modelo mais adequado ao estudo. Os resultados mostram que o modelo dos efeitos aleatórios é o que mais se adequa aos dados da amostra.

A Tabela 3 apresenta a estatística descritiva de todas as variáveis que compõe o modelo. Analisando-a, podemos observar que o número das KAM relatadas nos relatórios pelos auditores foi em média aproximadamente 2,5, sendo que o valor varia entre 1 e 7. Já no que toca à variável *gender*, observamos que a maioria dos auditores são do sexo masculino, dado que estes representam cerca de 78% da amostra.

Passando agora às variáveis de controlo, o rácio de PM mostra que em média as seguradoras têm uma margem de lucro de 8,59%, e que o mesmo oscila entre -35,4% e 57,4%. O rácio de SR é o que apresenta maior média. Indica que, em média, as seguradoras têm 29% de capacidade para cumprir as suas obrigações, sendo que a mesma varia entre 2,32% e 412,81%. A variável *lnassets* apresenta uma média aproximada de 14,5, que corresponde a 61 048 517€, considerando os valores iniciais, variando entre 4 692€ e 930 695 000€. A variável *lnfee* tem uma média aproximada de 13 o que corresponde a 16 545 437€, considerando os valores iniciais, variando entre 9 000€ e 579 000 000.

Por fim, a variável *Big4* apresenta uma média aproximada de 1 o que mostra que a maioria das seguradoras da amostra são auditadas por uma *Big4*.

Tabela 3: Estatística Descritiva

Variável	Observações	Media	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
KAM	138	2,543478	1,430224	1	7
<i>Gender</i>	138	0,7826087	0,4139736	0	1
PM	138	8,594855	11,30376	-35,4	57,4
SR	138	29,04355	54,09639	2,32	412,81
<i>LnAssets</i>	138	14,48551	3,097528	8	21
<i>Big4</i>	138	0,8405797	0,3674011	0	1
<i>LnFee</i>	138	13,08696	2,584282	9	20

Variáveis: KAM = número de matérias relevantes relatadas nos relatórios de auditoria nos anos de 2017 e 2018; *Gender* = sexo dos auditores que auditaram as 69 seguradoras da amostra nos anos de 2017 e 2018; PM = rácio entre o resultado antes de imposto e as vendas em 2017 e 2018; SR = rácio entre o capital próprio e o passivo em 2017 e 2018; *LnAssets* = logaritmo natural do total de ativo em 2017 e 2018; *Big4* = se a auditora é *Big4* ou não em 2017 e 2018; *Lnfee* = logaritmo natural dos honorários pagos em 2017 e 2018

#### 4.2. Matriz de correlação

A Tabela 4 mostra a correlação de Pearson existentes entre a variável KAM e as restantes variáveis do modelo. Inicialmente podemos observar que a variável *gender* tem uma correlação positiva com a variável dependente, não sendo, todavia, estatisticamente significativa. Em relação às variáveis de controlo, os resultados mostram existir uma associação positiva entre o número de KAMs e as variáveis independentes PM (0,2578), *LnAssets* (0,5216) e *LnFee* (0,4453). Por fim, é relevante mencionar que se realizou a correlação de Spearman pelo facto da variável dependente (*gender*) ser qualitativa. No entanto, não existiu alterações a registar nem no comportamento em relação à variável independente, nem no seu nível de significância.



Tabela 4: Matriz de Correlação de Pearson

	KAM	Gender	PM	SR	Lnassets	Big4	Lnfee
KAM	1						
Gender	0,0038	1					
PM	0,2578***	-0,0457	1				
SR	-0,1262	0,0654	0,1652*	1			
Lnassets	0,5216***	0,0488	0,0540	-	1		
Big4	0,0827	-	-0,1375	-	0,3379***	1	
Lnfee	0,4453***	0,0587	-0,0010	-	0,7761***	0,3068***	1

\*,\*\* e \*\*\* indicam a significância estatística ao nível de 10%, 5% e 1%

Variáveis: KAM = número de matérias relevantes relatadas nos relatórios de auditoria nos anos de 2017 e 2018; Gender = sexo dos auditores que auditaram as 69 seguradoras da amostra nos anos de 2017 e 2018; PM = rácio entre o resultado antes de imposto e as vendas em 2017 e 2018; SR = rácio entre o capital próprio e o passivo em 2017 e 2018; LnAssets = logaritmo natural do total de ativo em 2017 e 2018; Big4 = se a auditora é Big4 ou não em 2017 e 2018; Lnfee = logaritmo natural dos honorários pagos em 2017 e 2018

Por fim, com o intuito de validar a existência ou não de multicolinearidade entre as variáveis, calculou-se os *Variance Inflation Factors* (VIFs) (Tabela 5). Como os valores apresentados são ( $<10$ )<sup>6</sup> (Wooldrige (2013)), conclui-se que não existe multicolinearidade e por isso, todas as variáveis foram mantidas no modelo anteriormente apresentado.

Tabela 5: *Variance Inflation Factors*

Variável	VIF	1/VIF
Gender	1,10	0,912795
PM	1,09	0,918999
SR	1,41	0,707739
Lnassets	2,93	0,340720
Big4	1,28	0,780171
Lnfee	2,54	0,393095

#### 4.3. Análise de resultados

Na Tabela 6 são apresentados os resultados empíricos do modelo criado sobre a relação existente entre o número de KAM relatadas nos relatórios e o sexo dos auditores.

Antes de analisar os resultados obtidos, é importante referir que o modelo foi sujeito ao teste Reset, de modo a garantir a adequabilidade da forma funcional. Visto que o valor-p foi de 0,0257, conclui-se que o modelo se encontra bem especificado, isto é, a forma funcional está correta. Além disso, também se efetuou o teste de Breusch-Pagan/ Cook-Weisberg com o objetivo de verificar a existência ou não de heterocedasticidade no modelo. Dado que o valor-p foi de 0,0070, conclui-se que existe heterocedasticidade no modelo. De forma a ultrapassar esta situação correu-se novamente a regressão utilizando o comando cluster. Contudo, a heterocedasticidade manteve-se. O que se alterou foi o nível de significância da variável PM que se tornou não significativa (novo valor-p = 0,019).

Tabela 6: Resultados do Modelo de Regressão

Variável Independe	Coefficiente	Sinal Esperado	Coefficiente	P-value
Constante	$\beta_0$	?	-1,631217 (0,6600671)	0,015
<i>Gender</i>	$\beta_1$	-	-0,1440188 (0,2556652)	0,574
PM	$\beta_2$	-	0,0256293*** (0,0093315)	0,007
SR	$\beta_3$	-	0,002839 (0,0022219)	0,204
<i>Lnassets</i>	$\beta_4$	+	0,2230707*** (0,559264)	0,000
<i>Big4</i>	$\beta_5$	+	-0,2738863 (0,3115986)	0,381
<i>Lnfee</i>	$\beta_6$	-	0,075159 (0,0624083)	0,231
Observações	138		138	
R <sup>2</sup>			34,52%	
Teste F			11,51	
Valor-p			0,0000	

\*,\*\* e \*\*\* indicam a significância estatística ao nível de 10%, 5% e 1%. Os desvios padrões encontram-se entre parênteses.

Variáveis: KAM = número de matérias relevantes relatadas nos relatórios de auditoria nos anos de 2017 e 2018; *Gender* = sexo dos auditores que auditaram as 69 seguradoras da amostra nos anos de 2017 e 2018; PM = rácio entre o resultado antes de imposto e as vendas em 2017 e 2018; SR = rácio entre o

---

capital próprio e o passivo em 2017 e 2018;  $\text{LnAssets}$  = logaritmo natural do total de ativo em 2017 e 2018;  $\text{Big4}$  = se a auditora é *Big4* ou não em 2017 e 2018;  $\text{Lnfee}$  = logaritmo natural dos honorários pagos em 2017 e 2018

---

Iniciando agora a análise da Tabela 6 observo que  $R^2$  é de 0,3452, o que quer dizer que, a partir dos regressores, o modelo linear explica aproximadamente 34,52% da variância da variável dependente. Em relação ao teste de significância conjunta, obtivemos o valor de 0,0000 o que significa que, para qualquer nível de significância os regressores são conjuntamente significativos, ou seja, o modelo é válido (a regressão é estatisticamente significativa).

No que diz respeito à significância individual, a variável *gender* não é estatisticamente significativa (valor-p 0,573), o que quer dizer, que o sexo do auditor não é um fator explicativo do número de KAM relatadas. Além disso, observamos que a variável *gender* e KAM se encontram negativamente correlacionadas ( $\beta_1 = -0,1440188$ ), o que quer dizer, que quando o auditor é do sexo masculino o número de KAM relatadas é inferior em 0,1440188 comparativamente a quando o auditor é do sexo feminino.

Em relação às variáveis de controlo, apenas duas mostraram-se estatisticamente significativas. A variável PM é estatisticamente significativa (valor-p 0,006), isto é, a margem de lucro que cada seguradora é capaz de gerar é um fator explicativo do número de KAM relatadas pelos auditores. Ainda, é possível observar que, a variável PM e KAM estão positivamente relacionadas ( $\beta_2 = 0,0256293$ ), isto é, o aumento de 1% na margem de lucro das empresas tem, em média, um impacto no aumento do número de KAM relatadas de 0,0256293. Relativamente à variável  $\text{Lnassets}$  constata-se que esta é estatisticamente significativa (valor-p 0,000), isto é, o valor do ativo é um fator explicativo para o KAM relatadas. A sua relação é positiva ( $\beta_4 = 0,2230707$ ), pelo que, o aumento da dimensão da seguradora em ln (10 euros) irá aumentar em 0,223 o número de KAM relatadas.

#### 4.4. Análise de robustez

Apesar de os valores apresentados pelo VIFs serem inferiores a 10, observa-se que as variáveis *gender*, *SR* e *Big4* apresentam sinais diferentes na correlação e no modelo regressão, o que suscita possíveis problemas de multicolineariedade. Por isso, desenvolvemos um procedimento alternativo que consistiu em centralizar as variáveis que não são dicotômicas, isto é, subtraiu-se o valor da média da variável a cada observação da mesma. Contudo, os resultados mantiveram-se inalterados. As mesmas variáveis continuaram a apresentar diferenças de sinais e os níveis de significância não se alteraram, o que nos leva a concluir que existe alguma multicolineariedade, mas que a mesma não é significativa.

Em segundo lugar, realizámos um teste adicional para verificar se os resultados eram influenciados pela origem das seguradoras. Assim, foi adicionado uma variável *dummy* ao modelo (*country*), que assume o valor de 1 se a seguradora for portuguesa e 0 se a seguradora for cotada em bolsa e pertencente a outros países da União Europeia. Posto isto, calculou-se a nova regressão e observou-se que não existiam diferenças significativas, isto é, nenhuma variável alterou o seu comportamento em relação à variável independente, nem o seu nível de significância.

#### 4.5. Discussão de resultado

Ao longo do trabalho foi possível verificar que, a variável *gender* relaciona-se de maneira inversa com a variável *KAM* ( $\beta_1 = -0,1440188$ ), como era esperado ( $H_0$ : As auditoras reportam um maior número de *KAM* que os auditores). Além disso, também se pode concluir que o sexo é uma variável não estatisticamente significativa neste modelo (valor-p 0,573), o que quer dizer, que o sexo do auditor não é um fator explicativo do número de matérias relevantes relatadas no relatório de auditoria.

Embora a hipótese de investigação não seja corroborada, diversos são os fatores que podem justificar esta situação. Como já foi mencionado anteriormente, no capítulo de revisão de literatura, Pinto & Morais (2018), Fidalgo (2019) e Ferreira e Morais (2019) encontram evidências que empresas

de maior dimensão, como é o caso das seguradoras, apresentam um maior número de KAM relatadas. Contudo, e apesar de se tratar de um sector com diversos segmentos de negócio, também é um sector muito regulamentado. Por isso, o número de KAM relatados vai ser reduzido (média de KAM da amostra = 2,5) (Pinto & Morais, 2018). Setores regulamentados são obrigados a cumprir um maior número de regras e estão sujeitos a um maior nível de escrutínio, o que faz com que, as próprias empresas se tornem mais rigorosas na preparação e apresentação das suas DFs, aumentando assim a qualidade das mesmas.

Neste contexto, os próprios auditores tornam-se mais rigorosos e reforçam os seus procedimentos de auditoria. Por consequência, o rigor e perceção do risco tornam-se mais semelhantes entre sexos. Além disso, segundo Gold, Hunton & Gomaa (2009), num grupo de auditores, devido à autosseleção e socialização, as diferenças entre sexos podem ser reduzida.

A não significância, pode ter como motivo o facto de a amostra em estudo ser de conveniência, contendo apenas 69 seguradoras observadas em 2 anos.

Por fim, o que também pode ter criado algum enviesamento nos resultados, é o facto de 78,26% dos auditores da amostra serem do sexo masculino. O objetivo do presente estudo é justificar as diferenças observadas no número de KAM relatadas com diferenças existentes entre sexos. Por isso, o facto de a amostra ser maioritariamente composta por homens pode fazer com que as características do homem se sobressaiam mais e as da mulher menos.

## 5. Conclusão

O presente estudo visou compreender o comportamento das KAM atendendo à característica do auditor ser do sexo masculino ou feminino. Neste contexto, e com intuito de suprir uma lacuna existente na literatura académica, este estudo analisa como é que o número de KAM relatadas pode ser influenciado pelo sexo do auditor. Para esse efeito foram recolhidas informações de 69 seguradores durante os anos de 2017 e 2018.

Suportada pela revisão de literatura formou-se a hipótese de que as auditoras reportariam um maior número de KAM que os auditores. No entanto, apesar de se ter verificado a existência de uma relação inversa entre as variáveis mencionadas, a mesma não é estatisticamente significativa. Por isso, para a amostra em questão, conclui-se que não existe evidência que o sexo seja um fator influenciador do número de KAM relatadas.

Tal conclusão é explicada pelo facto de as seguradoras pertencerem a um grupo setorial de grande regulamentação. Quanto mais regulamentado for o sector, maior será o seu nível de rigor e escrutínio e mais reforçados serão os procedimentos de auditoria (Pinto & Morais, 2018). O facto de os auditores reforçarem os seus procedimentos de auditoria vai fazer com que, a sua perceção e aversão ao risco aumentem, aproximando assim, as características e comportamentos do homem aos da mulher. Além disso, a autosseleção e a socialização presentes num grupo de auditores, podem também reduzir as diferenças entre sexos (Gold, Hunton & Gooma, 2009).

Por fim, os resultados observados podem ser justificados pela limitação do estudo, no que diz respeito à dimensão da amostra. A amostra em questão apresenta um número reduzido de seguradoras, que é justificado pela dificuldade que existe em recolher informação. Diversas são as seguradoras de outros países que não Portugal, que não possuem relatórios em língua inglesa. Além disso, países como Espanha, apenas apresentam um resumo do relatório de auditoria impossibilitando assim a recolha de dados sobre a variável dependente, KAM.

Em termos de implicações práticas, os resultados tornam-se interessantes quando aplicados aos processos de recrutamento. Embora os dados mostrem que os auditores do sexo masculino relatam menos KAM que as do sexo feminino, os mesmos não são significativos. Portanto, generalizando, podemos afirmar com alguma certeza que, em setores regulamentados, existe um maior universo de auditores para o recrutamento, pois não existe diferenças entre eles no que concerne às características do sexo.

Como investigação futura seria interessante compreender se o sexo do auditor tem influência em sectores menos regulamentados ou tentar aumentar a amostra, pelo número de empresas e/ou anos de estudo, de modo a perceber se os resultados se mantêm. Complementarmente, seria do mesmo modo interessante, explorar se o sexo do auditor influencia a caracterização das KAM.

## Referências Bibliográficas

- Al-Dhamari, R. A. A., & Chandren, S. (2018). Audit Partners Gender, Auditor Quality and Clients Value Relevance. *Global Business Review*, 19(4), 952–967.
- Bédard, J., Gonthier-Besacier, N. & Schatt, A. (2014). Costs and Benefits of Reporting Key Audit Matters in the Audit Report: The French Experience. [In line]. Available at: [https://www.isarhq.org/2014\\_downloads/papers/ISAR2014\\_Bedard\\_Besacier\\_Schatt.pdf](https://www.isarhq.org/2014_downloads/papers/ISAR2014_Bedard_Besacier_Schatt.pdf) [Access in: 2020/03/15].
- Betioli, M. (2000). Ser administradora é o feminino de ser administrador? *Revista de Gestão USP*, 12(3), 1-9.
- Blanc, R., Islam, M. A., Patten, D. M. C. (2017). Corporate anti-corruption disclosure: An examination of the impact of the media exposure and country-level press freedom. *Accounting Auditing and Accountability Journal*, 30(8), 1746-1770.
- Cappelle, M., Brito, M., Melo, M., & Vasconcelos, K. A. (2007). A Produção Científica Sobre Gênero Nas Organizações: Uma Meta-Análise. *REAd*, 57(3), 503-528.
- Carreira, D., Ajamil, M, Moreira. T., (2001). A liderança feminina no século 21: mudando o mundo. *Revista de Gestão USP*, 12(3), 1-9.
- Christensen, B. E., Glover, S. M., & Wolfe, C. J. (2014). Do Critical Audit Matter Paragraphs in the Audit Report Change Nonprofessional Investors' Decision to Invest? *A Journal of Practice & Theory*, (33)4, 71-93.
- Collins, K.M. (1993). Stress and departures from the public accounting profession: a study of gender differences. *Accounting Horizons*, 7(1), 29-38.



- Dalborg, C., von Friedrichs, Y., & Wincent, J. (2015). Risk perception matters: Why women's passion may not lead to a business Start-Up. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 7(1), 87–104.
- DeAngelo, L. (1981). Auditor size and audit quality. *Journal of Accounting and Economics*, 3(3), 183-199.
- Dopuch, N., Holthausen, R., & Leftwich, R. (1987). Predicting audit qualifications with financial and market variables. *Accounting Review*, 62(3), 431-454.
- Ferreira, C., & Morais, A. I. (2019). Analysis of the relationship between company characteristics and key audit matters disclosed. *Revista Contabilidade e Finanças*, 31(83), 262–274.
- Fidalgo, M., (2019). *O efeito da cultura na divulgação das key audit matters: evidência de clientes europeus de uma big 4*. Tese de Mestrado, ISEG/ULisboa.
- Foucault, M. (2010). O saber e o poder: A contribuição de Michel Foucault. *Saberes*, 1(10), 225-235.
- Francis, J., & Yu, M. (2009). Big 4 office size and audit quality. *The Accounting Review*, 84(5), 1521-1552.
- Goedhuys, M., Mohnen, P., & Taha, T. (2016). Corruption, innovation and firm growth: firm-level evidence from Egypt and Tunisia. *Eurasian Business Review*, 6(3), 299-322.
- Gold, A., Hunton, J. E., & Gomaa, M. I. (2009). The impact of client and auditor gender on auditors' judgments. *Accounting Horizons*, 23(1), 1–18.
- Gomes, A. F. (2005). O Outro No Trabalho: Mulher e Gestão. *Revista de Gestão USP*, 12(3), 1-9.
- Guadagno, R. E., & Cialdini, R. B. (2007). Gender differences in impression management in organizations: A qualitative review. *Sex Roles*, 56(7), 483–494.

- Gustafson, P. E. (1998). Gender Differences in Risk Perception: Theoretical and Methodological Perspectives. *In Risk Analysis*, 18(6), 805-811.
- Habib, A. (2013). A meta-analysis of the determinants of modified audit opinion decisions. *Managerial Auditing Journal*, 28(3), 184-216.
- Hardies, K., Breesch, D., & Branson, J. (2016). Do (Fe)Male Auditors Impair Audit Quality? Evidence from Going-Concern Opinions. *European Accounting Review*, 25(1), 7–34.
- Hayes, R.D. and Hollman, K.W. (1996). Managing diversity: accounting firms and female employees. *CPA Journal*, 66(5), 36.
- Holland, D. and Ramsay, A. (2003). Do Australian companies manage earnings to meet simple earnings benchmarks? *Accounting and Finance*, 43(1), 41-62.
- International Auditing and Assurance Standard Board (IAASB) (2015a). *International Standard on Auditing 701. Communicating key audit matters in the independent auditor's report*. [In line]. Available at: [https://www.ifac.org/system/files/publications/files/ISA-701\\_2.pdf](https://www.ifac.org/system/files/publications/files/ISA-701_2.pdf) [Access in: 2020/03/12].
- International Auditing and Assurance Standards Board (IAASB) (2011). *Consultation Paper: Enhancing the Value of Auditor Reporting: Exploring Options for Change*. [In line]. Available at: <https://www.ifac.org/system/files/publications/exposure-drafts/comments/5518-tech-cdr-1043.pdf> [Access in: 2019/05/13].
- Ireland, J. (2003). An empirical investigation of determinants of audit reports in the UK. *Journal of Business Finance & Accounting*, 30(7-8), 975-1016.

- Ismail, H., Atqa, A. A., & Hassan, H. (2018). First Time Reporting of Key Audit Matters (KAM) by Malaysian Auditors. In *International Journal of Engineering & Technology*, 7(3.30), 30-32.
- Iyer, V.M., Raghunandan, K. and Rama, D.V. (2005). Gender differences in perception of accounting firm alumni. *Managerial Auditing Journal*, 20(5), 449-459.
- Karakowsky, L. & Elangovan, A.R. (2001). Risky decision making in mixed-gender teams Whose risk tolerance matters? *Small Group Research*, 32(1), 94-111.
- Karjalainen, J. & Niskanen, M. (2017). Auditor gender and corporate earnings management behavior in private Finnish firms. *Managerial Auditing Journal*, 26(9), 778-793.
- Kelley, J., Brush, G., Greene, P., and Litovsky, Y. (2011). Global Entrepreneurship Monitor - 2010 Women's Report. [In line].  
[https://cdn.ymaws.com/www.andeglobal.org/resource/dynamic/blogs/20111215\\_125335\\_17430.pdf](https://cdn.ymaws.com/www.andeglobal.org/resource/dynamic/blogs/20111215_125335_17430.pdf) [Access in: 2019/05/13].
- Khalifa, R. (2013). Intra-professional hierarchies: the gendering of accounting specialism's in UK accountancy. *Accounting, Auditing, and Accountability Journal*, 26(8), 1212-1245.
- Klueber, J., Gold, A., & Pott, C. (2018). *Do Key Audit Matters Impact Financial Reporting Behavior?* [In line]. Available at:  
<https://ssrn.com/abstract=3210475> Electronic copy available at: <https://ssrn.com/abstract=3210475> [Access in: 2020/03/18]
- Köhler, A. G., & Theis, J. C. (2016). The Effects of Key Audit Matters on the Auditor's Report's Communicative Value: Experimental Evidence from Investment Professionals and Non-professional Investors. *Accounting in Europe*, 17(2), 105-128.

- Krishnan, G. (2003). Does Big 6 auditor industry expertise constrain earnings management? *Accounting Horizons*, 17(1), 1-16.
- Langowitz, N. and Minniti, M. (2007). The entrepreneurial propensity of women. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 31(3), 341-364.
- Leite, M. (1994). História das mulheres. *Revista USP*, 23, 56-61.
- Mannite, M., Alenius, P. and Langowitz, N. (2005), *2004 Global Entrepreneurship Monitor Special Topic Report: Women and Entrepreneurship*, Center for Women's Leadership at Babson College, Babson Park, MA. [In line]. Available at:  
[https://www.findevgateway.org/sites/default/files/publications/files/mfg-en-paper-gem-2004-report-on-women-and-entrepreneurship-2005\\_0.pdf](https://www.findevgateway.org/sites/default/files/publications/files/mfg-en-paper-gem-2004-report-on-women-and-entrepreneurship-2005_0.pdf) [Access in: 2020/03/27]
- Munhoz, G. (2000). Quais as contribuições que o estilo feminino de liderança traz para as organizações empreendedoras? *Encontro Nacional de Empreendedorismo*, 164-176.
- Nasution, D., & Jonnergård, K. (2017). Do auditor and CFO gender matter to earnings quality? Evidence from Sweden. *Gender in Management*, 32(5), 330–351.
- Nguyen, T. T., & Van Dijk, M. A. (2012). Corruption, growth and governance: Private vs. state-owned firms in Vietnam. *Journal of Banking and Finance*, 36(11), 2935-2948.
- Niskanen, J., Karjalainen, J., Niskanen, M., & Karjalainen, J. (2011). Auditor gender and corporate earnings management behavior in private Finnish firms. *Managerial Auditing Journal*, 26(9), 778–793.
- O'donnell, E. & Johnson, E. (2001). The Effects of Auditor Gender and Task Complexity on Information Processing Efficiency. *International Journal of Auditing*, 5(2), 91–105.
- Pereira, Â., (2019). *Matérias Relevantes de Auditoria relatadas pelas empresas cotadas na Euronext Lisbon*. Tese de Mestrado, ISEG/ULisboa.

- Pinto, I., & Morais, A. I. (2018). What matters in disclosures of key audit matters: Evidence from Europe. *Journal of International Financial Management and Accounting*, 30(2), 145–162
- Public Company Accounting Oversight Board (PCAOB). (2013). *Proposed Auditing Standards – The Auditor’s report on an audit of financial statements when the auditor expresses an unqualified opinion; The auditor’s responsibilities regarding other information in certain documents containing audited financial statements and the related auditor’s report; and related amendments to PCAOB Standards*. PCAOB Release No. 2013-005. [In line]. Available at: [https://pcaobus.org/Rulemaking/Docket034/Release\\_2013-005\\_ARM.pdf](https://pcaobus.org/Rulemaking/Docket034/Release_2013-005_ARM.pdf) [Access in: 2020/04/24]
- Reheul, A. M., van Caneghem, T., van den Bogaerd, M., & Verbruggen, S. (2017). Auditor gender, experience and reporting in nonprofit organizations. *Managerial Auditing Journal*, 32(6), 550–577.
- Reid, L. C., Carcello, J. v, Li, C., Neal, T. L., Damus, J., Hawkins, S., Short, J., Stack, K., Xu, J., & Zhang, Y. (2018). Impact of Auditor Report Changes on Financial Reporting Quality and Audit Costs: Evidence from the United Kingdom. *Contemporary Accounting Research*, 36(3), 1501-1539.
- Reis, F. & Torcato, S. (2010). O impacto da diversidade do género na eficiência da gestão e sua influência no PNB de um país. *Economia Global e Gestão*, 15(2), 73-89.
- Sexton, D. and Bowman-Upton, N. (1990). Female and male entrepreneurs: psychological characteristics and their role in gender-related discrimination. *Journal of Business Venturing*, 5(1), 29-36.

- Sierra-García, L., Gambetta, N., García-Benau, M. A., & Orta-Pérez, M. (2019). Understanding the determinants of the magnitude of entity-level risk and account-level risk key audit matters: The case of the United Kingdom. *The British Accounting Review*, 51(3), 227-240.
- Sirois, L.-P., Bédard, J., & Bera, P. (2018). The Informational Value of Key Audit Matters in the Auditor's Report: Evidence from an Eye-tracking Study. *Accounting Horizons*, 32(2), 141-162.
- Tiron-Tudor, A., Cordoş, G., & Fülöp, M. (2018). Stakeholders' perception about strengthening the audit report. *African Journal of Accounting, Auditing and Finance*, 6(1), 43-69.
- Velte, P. (2018). Does gender diversity in the audit committee influence key audit matters' readability in the audit report? UK evidence. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 25(5), 748–755.
- Weber, E.U., Blais, A.R. and Betz, N.E. (2002). A domain-specific risk-attitude scale: measuring risk perceptions and risk behaviors. *Journal of Behavioral Decision Making*, 15(4), 263-290.
- Zanchun, X., Chun, C., & Jianming, Y. (2010). Abnormal audit fees and audit opinion. Further evidence from China's capital market. *China Journal of Accounting Research*, 3(1), 51-70.
- Zinkhan, G., & Karande, K., (1991). Cultural and Gender Differences in Risk-Taking Behavior among American and Spanish Decision Makers. *The Journal of Social Psychology*, 131(5), 741-741.

## Anexos

	Coefficients			sqrt(diag(V_b-V_B)) S.E.
	(b) fe	(B) re	(b-B) Difference	
gender	-.1366878	-.1440188	.0073309	.062736
pm	.0256897	.0256293	.0000605	.0009451
sr	.0028402	.002839	1.17e-06	.0001936
lnassets	.2232266	.2230707	.000156	.0050238
big4	-.271252	-.2738863	.0026343	.0343426
lnfee	.0747545	.075159	-.0004044	.0063215

b = consistent under Ho and Ha; obtained from xtreg  
 B = inconsistent under Ha, efficient under Ho; obtained from xtreg

Test: Ho: difference in coefficients not systematic

$$\begin{aligned} \text{chi2}(6) &= (b-B)' [(V_b-V_B)^{-1}] (b-B) \\ &= \mathbf{0.01} \\ \text{Prob}>\text{chi2} &= \mathbf{1.0000} \end{aligned}$$

### Anexo I: Teste de Hausman

Variable	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
year	138	2017.5	.5018215	2017	2018
pm	138	8.594855	11.30376	-35.4	57.4
sr	138	29.04355	54.09639	2.32	412.81
lnassets	138	14.48551	3.097528	8	21
big4	138	.8405797	.3674011	0	1
lnfee	138	13.08696	2.584282	9	20
kam	138	2.543478	1.430224	1	7
gender	138	.7826087	.4139736	0	1

### Anexo II: Estatística descritiva

	kam	gender	pm	sr	lnassets	big4	lnfee
kam	1.0000						
gender	0.0038 0.9652	1.0000					
pm	0.2578* 0.0023	-0.0457 0.5942	1.0000				
sr	-0.1262 0.1403	0.0654 0.4460	0.1652 0.0528	1.0000			
lnassets	0.5216* 0.0000	0.0488 0.5701	0.0540 0.5295	-0.4846* 0.0000	1.0000		
big4	0.0827 0.3346	-0.2295* 0.0068	-0.1375 0.1077	-0.3122* 0.0002	0.3379* 0.0001	1.0000	
lnfee	0.4453* 0.0000	0.0587 0.4938	-0.0010 0.9904	-0.3841* 0.0000	0.7761* 0.0000	0.3068* 0.0003	1.0000

Anexo III: Matriz de Correlação de Pearson,  $\alpha = 1\%$

	kam	gender	pm	sr	lnassets	big4	lnfee
kam	1.0000						
gender	0.0807	1.0000					
pm	0.2072	-0.0390	1.0000				
sr	-0.2464*	0.0714	0.1462	1.0000			
lnassets	0.5471*	0.0297	0.0551	-0.6626*	1.0000		
big4	0.0412	-0.2295*	-0.1061	-0.2532*	0.3250*	1.0000	
lnfee	0.4738*	0.0262	-0.0148	-0.4980*	0.7582*	0.3430*	1.0000

Anexo IV: Matriz de correlação de Spearman,  $\alpha=1\%$

Variable	VIF	1/VIF
lnassets	2.93	0.340720
lnfee	2.54	0.393095
sr	1.41	0.707739
big4	1.28	0.780171
gender	1.10	0.912795
pm	1.09	0.918999
Mean VIF	1.73	

Anexo V: Variance Inflation Factors



Linear regression

Number of obs = 138  
 F(6, 68) = 7.31  
 Prob > F = 0.0000  
 R-squared = 0.3452  
 Root MSE = 1.1836

(Std. Err. adjusted for 69 clusters in company)

kam	Coef.	Robust Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
gender	-.1440188	.2985309	-0.48	0.631	-.739728	.4516904
pm	.0256293	.0106666	2.40	0.019	.0043444	.0469141
sr	.002839	.0044937	0.63	0.530	-.006128	.011806
lnassets	.2230707	.0640945	3.48	0.001	.0951722	.3509692
big4	-.2738863	.3865825	-0.71	0.481	-1.0453	.497527
lnfee	.075159	.0690422	1.09	0.280	-.0626126	.2129305
_cons	-1.631217	.7220219	-2.26	0.027	-3.071989	-.1904444

Anexo VI: Teste de robustez à heterocedasticidade

Source	SS	df	MS	Number of obs	=	138
Model	96.7316616	6	16.1219436	F(6, 131)	=	11.51
Residual	183.507469	131	1.40082037	Prob > F	=	0.0000
				R-squared	=	0.3452
				Adj R-squared	=	0.3152
Total	280.23913	137	2.0455411	Root MSE	=	1.1836

kam	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
gender	-.1440188	.2556652	-0.56	0.574	-.6497856	.361748
pm	.0256293	.0093315	2.75	0.007	.0071694	.0440892
sr	.002839	.0022219	1.28	0.204	-.0015565	.0072344
lnassets	.2230707	.0559264	3.99	0.000	.1124349	.3337065
big4	-.2738863	.3115986	-0.88	0.381	-.8903027	.3425301
lnfee	.075159	.0624083	1.20	0.231	-.0482996	.1986175
_cons	-1.631217	.6600671	-2.47	0.015	-2.936987	-.3254464

Anexo VII: Resultados do modelo de regressão

Source	SS	df	MS	Number of obs	=	138
Model	96.0358039	6	16.0059673	F(6, 131)	=	11.38
Residual	184.203327	131	1.40613226	Prob > F	=	0.0000
				R-squared	=	0.3427
				Adj R-squared	=	0.3126
Total	280.23913	137	2.0455411	Root MSE	=	1.1858

mkam	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
gender	-.1246231	.2557831	-0.49	0.627	-.6306231	.3813768
mpm	.0274039	.0092946	2.95	0.004	.0090169	.045791
msr	.0024312	.0022077	1.10	0.273	-.0019361	.0067985
mlnassets	.1872078	.0547372	3.42	0.001	.0789245	.295491
big4	-.2676093	.3119578	-0.86	0.393	-.8847362	.3495176
mlnfee	.1119296	.0622312	1.80	0.074	-.0111785	.2350376
_cons	.3288806	.3827591	0.86	0.392	-.4283082	1.086069

	mkam	gender	mpm	msr	mlnass~s	big4	mlnfee
mkam	1.0000						
gender	0.0038	1.0000					
mpm	0.2578	-0.0457	1.0000				
msr	-0.1262	0.0654	0.1653	1.0000			
mlnassets	0.5089	0.0360	0.0355	-0.4759	1.0000		
big4	0.0827	-0.2295	-0.1376	-0.3122	0.3428	1.0000	
mlnfee	0.4657	0.0644	0.0011	-0.3787	0.7764	0.2977	1.0000

Anexo VIII: Centralização das variáveis

Source	SS	df	MS	Number of obs	=	138
Model	96.7330611	7	13.8190087	F(7, 130)	=	9.79
Residual	183.506069	130	1.41158515	Prob > F	=	0.0000
				R-squared	=	0.3452
				Adj R-squared	=	0.3099
Total	280.23913	137	2.0455411	Root MSE	=	1.1881

kam	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
gender	-.1422159	.2629553	-0.54	0.590	-.6624415	.3780097
pm	.0256571	.0094088	2.73	0.007	.0070429	.0442712
sr	.0028496	.0022556	1.26	0.209	-.0016128	.007312
lnassets	.2236663	.0592421	3.78	0.000	.1064629	.3408697
big4	-.2708525	.3272962	-0.83	0.409	-.918369	.3766639
lnfee	.0758383	.0662586	1.14	0.254	-.0552463	.206923
country	.0099115	.314776	0.03	0.975	-.6128352	.6326581
_cons	-1.658844	1.099502	-1.51	0.134	-3.834078	.5163891

Anexo IX: Resultados do modelo de regressão com a variável *country*